
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E CIDADES: apresentação de um tema em diálogo com a geografia

*Paula Leonardi
Evelyn Orlando
Silvina Fabri*

Resumo

Este texto busca a relação do trinômio do título, ultrapassando os espaços escolares, por entender a educação em sentido ampliado, e mediado por diversos agentes em diálogo com a cidade. Propomos que os estudos investiguem de que maneira as religiões marcam (ou não) a paisagem das cidades, e se isso imprime caráter socializador, educativo e formador, por sua presença nos edifícios (templos, escolas, hospitais etc.), nas celebrações, nos rituais, nas vestimentas, nos objetos (altares, monumentos e impressos). Ao focalizar as religiões, ampliamos a escala para pensar além das formas institucionais e seus agentes como única, ou mesmo a via privilegiada, dessa presença. Interessam-nos também os modos pelos quais leigos e leigas de diferentes religiões contribuem para fazer circular e imprimir marcas físicas ou simbólicas de suas religiões nas cenas da cidade, percebendo seus efeitos na cultura, na arte e na própria organização do espaço como território de disputas. Essa trama que organiza as relações entre as religiões e os modos pelos quais se afirmam nas cidades pode ir além da dimensão do sagrado, buscando compreender como questões políticas, éticas, estéticas, culturais e econômicas, próprias do mundo temporal, se entrelaçam no tecido religioso, atualizando-o de modo a dialogar de forma mais eficaz com cada época e sociedade, reorganizando suas práticas educativas. A História da Educação é o campo que orienta as reflexões aqui propostas em diálogo com a geografia. A pergunta que provoca esta Seção Temática é: quais são os diferentes meios de educar dos quais as religiões lançam mão nas cidades?

Palavras-chave: práticas educativas; cultura religiosa; espaços formativos; pedagogia cultural.

THE HISTORY OF EDUCATION, RELIGION AND CITIES: an exploration of a theme in dialogue with geography

Abstract

This text explores the relationship between the three elements of the title, moving beyond the confines of schools by understanding education in a broader sense, mediated by various actors in dialogue with the city. We propose that studies investigate how religions shape (or do not shape) the urban landscape and whether this imparts a socialising, educational or formative character through their presence in buildings (temples, schools, hospitals, etc.), in celebrations, rituals, clothing and objects (altars, monuments, printed materials). By focusing on religions, we broaden the scope to think beyond institutional forms and their agents as the sole or even the privileged means of this presence. We are also interested in the ways in which laypeople of different religions contribute to circulating and imprinting physical or symbolic marks of their religions on the city's scenes, perceiving their effects on culture, art, and the very organisation of space as a territory of contention. This fabric that organises the relationships between religions and the ways in which they assert themselves in cities can go beyond the dimension of the sacred, seeking to understand how political, ethical, aesthetic, cultural and economic issues specific to the temporal world are interwoven into the religious fabric, updating it so that it can engage more effectively with each era and society, and reorganising its educational practices. The History of Education is the field that guides the reflections proposed here in dialogue with geography. The question that underpins this Thematic Section is: what different educational approaches do religions employ in cities?

Keywords: educational practices; religious culture; learning environments; cultural pedagogy.

HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, LA RELIGIÓN Y LAS CIUDADES: presentación de un tema en diálogo con la geografía

Resumen

Este texto analiza la relación entre los tres elementos del título, yendo más allá de los espacios escolares, al entender la educación en un sentido amplio, mediada por diversos agentes en diálogo con la ciudad. Proponemos que los estudios investiguen de qué manera las religiones marcan (o no) el paisaje de las ciudades y si esto imprime un carácter socializador, educativo y formador, por su presencia en los edificios (templos, escuelas, hospitales, etc.), en las celebraciones, en los rituales, en las vestimentas y en los objetos (altares, monumentos, impresos). Al centrarnos en las religiones, ampliamos la escala para pensar más allá de las formas institucionales y sus agentes como la única o incluso la vía privilegiada de esa presencia. También nos interesan las formas en que los laicos y laicas de diferentes religiones contribuyen a hacer circular e imprimir marcas físicas o simbólicas de sus religiones en los escenarios de la ciudad, percibiendo sus efectos en la cultura, el arte y la propia organización del espacio como territorio de disputas. Esta trama que organiza las relaciones entre las religiones y las formas en que se afirman en las ciudades puede ir más allá de la dimensión de lo sagrado, buscando comprender cómo las cuestiones políticas, éticas, estéticas, culturales y económicas propias del mundo temporal se entrelazan en el tejido religioso, actualizándolo para dialogar de manera más eficaz con cada época y sociedad, reorganizando sus prácticas educativas. La Historia de la Educación es el campo que orienta las reflexiones aquí propuestas en diálogo con la geografía. La pregunta que plantea esta sección temática es: ¿qué diferentes medios educativos utilizan las religiones en las ciudades?

Palabras clave: prácticas educativas; cultura religiosa; espacios formativos; pedagogía cultural.

Este texto, cujo tema central é a relação entre História da Educação, religião e cidades, parte da premissa de que as pesquisas no campo da História da Educação no Brasil têm focalizado a escola, os processos de escolarização e as políticas de educação como principais objetos de estudo, e tomado como fontes os artefatos oriundos do universo escolar e da cultura escrita. De fato, até meados dos anos 1980 a história da escola no Brasil era pouco conhecida. A nossa tradição historiográfica analisou diligentemente os documentos oficiais que contavam sobre a história de nossa educação ou pelo menos do que foi pensado sobre ela e prescrito para sua regulação. Com a mudança de paradigma nos modos de ler, de interrogar e, conseqüentemente, na forma de escrever a história, principia a marcação do campo quando uma geração de historiadores inspirados pela Nova História Cultural aporta outros problemas, novas abordagens e fontes possíveis de serem mobilizadas, sem perder o rigor científico. Com isso, novos objetos surgiram de novas perguntas. A escola ganhou centralidade nesses recentes questionamentos que buscavam compreender sua caixa-preta, considerando as especificidades de suas realidades. Esse movimento abriu o horizonte para uma multiplicidade de experiências que hoje nos levam a afirmar que, para pensar a História da Educação no Brasil, é preciso, em primeira instância, considerar seu aspecto plural¹ — e não apenas escolar, como sublinhamos aqui.

Com a organização de Grupos de Trabalho e de Sociedades Científicas, como os GTs de História da Educação da ANPED e da ANPUH, além da Sociedade Brasileira de História da Educação e a publicação de revistas especializadas na área da História da Educação, somada ao trabalho acumulado de maneira sistematizada, balanços da produção passaram a ser feitos de

¹ Sobre a reconfiguração da historiografia educacional, ver: Lopes e Galvão (2005); Warde e Carvalho (2001), Fonseca (2003), Falcon (2006), Catani e Faria Filho (2002), Gondra (2005), Albuquerque e Buecke (2019), Bica e Gonçalves (2022), Veiga (2026), dentre outros.

maneira a verificar a pluralidade desse território. Avançamos muito ao perceber que, em cada região, cada estado, e cada cidade, o universo escolar apresentava características semelhantes, mas também se diferenciava em cada localidade, distanciando-se, muitas vezes, do que o texto da lei previa e do que os grandes centros buscavam instituir como modelo a ser seguido. Percebemos que de norte a sul do Brasil, foram produzidas formas singulares de organizar os tempos e os espaços sociais, a partir da escola. Isso nos levou ao território das práticas culturais, dos saberes que delas emergem, dos sujeitos que os produzem e dos modos como os difundem e os elaboram em novas políticas para as escolas. Operamos uma mudança significativa ao observar tanto o território físico quanto o território simbólico da educação. Avançamos muito nessa trajetória e continuamos evoluindo.

No entanto, nesse movimento, outras questões têm se colocado acerca da educação para além da escola. É claro que esses questionamentos já aparecem no campo, mas de modo ainda muito incipiente. Eles tomam a educação não como sinônimo de escolarização, associando-a à cultura² e pensando a educação em seu sentido lato — ou seja, como formação integral, tal como nos provoca o conceito alemão *Bildung*³.

A aproximação entre História da Educação e História Cultural parecia apontar nessa direção (Falcon, 2006; Fonseca, 2003). Segundo Fonseca, a história cultural sugere ao pesquisador de história da educação “[...] extravasar o mundo da escola, para o enfrentamento de outras dimensões dos processos e das práticas educativas [...]” (Fonseca, 2003, p.67). Diante disto, nos interrogamos: para além da escola, por onde passa a nossa educação? Quais esferas de formação temos, nós historiadores, olhado no sentido de melhor apreender os caminhos pelos quais temos sido formados?

Provocadas por estas questões, dialogamos com o artigo *Educação não escolar: balanço da produção presente nos Congressos Brasileiros de História da Educação* realizado por Betânia Albuquerque e Jane Buecke (2019). As autoras, a partir de um balanço realizado em todas as edições dos CBHEs — 2000 até 2017 —, destacam a escola como objeto privilegiado nas produções historiográficas e a baixa incidência de trabalhos sobre educação não escolar. Dos 5.525 trabalhos apresentados no referido período, segundo as autoras, apenas 1,3% destinou-se à temática da educação não escolar, embora tenham observado a presença de pesquisas com esse foco em todas as edições do evento. As autoras concluem seu diagnóstico observando que ‘o Congresso Brasileiro de História da Educação é ainda, majoritariamente, um espaço escolacentrista, isto é, que tem a escola como centro e *locus* exclusivo da produção do conhecimento’ (2019, p. 9).

Partindo dessa informação e dispostas a investigar como os temas “religião, cidade e educação” aparecem no campo, nos dispusemos a realizar um balanço de 2019 a 2024, considerando apenas aqueles trabalhos que mencionam no título ou no resumo uma relação direta entre eles. Consultamos, para isso, os Cadernos de Programação e os Cadernos de Resumos disponíveis no site da SBHE. Foram descartados trabalhos focados apenas sobre religião ou apenas sobre cidade. Outro ponto que nos interessava observar era em que medida a cidade aparecia em sua dimensão educadora, tanto a partir de sua materialidade como de sua construção simbólica. Deste modo, ao ler os resumos, observamos também se a cidade era abordada no trabalho apenas como cenário, como agente ou como ambos. Obtivemos os seguintes resultados:

² Ver: Brandão (2002)

³ Ver: Molmann (2010) e Alves (2019)

Quadro 1: Total de trabalhos sobre Religião e Cidade nos CBHEs

CBHE	Total de Trabalhos	Trabalhos sobre Religião e Cidade	Percentual
2019	513	25	4,65%
2022	583	9	1,54%
2024	854	30	3,51%
Total	1950	64	3,24%

Fonte: organizado pelas autoras com base nos Anais e Cadernos de Programação de 2019, 2022, 2024⁴.

Na edição de 2019, dos 537 trabalhos listados no evento, apenas 25 abordaram o tema. Destes, apenas 4 focaram na cidade como cenário e agente ao mesmo tempo. Na edição de 2022, dos 583 trabalhos, 09 abordaram o tema, dos quais apenas 2 focaram na cidade como cenário e agente. Na edição de 2024, dos 854 trabalhos, 30 focaram na cidade, mas em apenas 01 como cenário e agente. Causa surpresa o número reduzido de trabalhos na edição de 2022, porém não identificamos a razão. Na última edição analisada (2024), o aumento do número de trabalhos sobre o tema acompanhou o aumento do número de trabalhos no evento, mas o interesse pela cidade como agente diminuiu. Em média, em relação aos trabalhos das 3 edições pesquisadas, a temática “religião e cidade” representa um percentual de 3,24% das pesquisas apresentadas nos Congressos Brasileiros de História da Educação. O segundo interesse que tivemos foi em relação às denominações religiosas que aparecem nessa relação com a cidade. No Brasil, apesar do Estado ser laico, a cultura é atravessada por religiões. As cidades, as instituições, as artes, as práticas cotidianas estão impregnadas de religiosidades que marcam o lugar que a religião ocupa na vida das pessoas e na forma como elaboram seus sentidos sobre a vida. A própria imagem urbana causa impacto e molda o cotidiano a partir do que podemos observar sob a ótica do patrimônio, do visual e das marcas materiais no espaço público. Se a pluralidade religiosa e o sincretismo são característicos da paisagem cultural brasileira, nas pesquisas esse traço identitário não aparece. Ao observarmos quais religiões têm sido privilegiadas nas investigações que articulam o objeto à cidade, obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 2: Denominações religiosas mais relacionadas com a cidade nos CBHEs

CBHE	Catolicismo	Protestantismo	Encantaria	Rezadeira	Santo Daime	Pajelança	Candomblé
2019	14	6	1	1	1	1	0

⁴ Agradecemos, especialmente, à Daniela de Oliveira Vigário, Amanda Martins e Ana Carolina Costa Silva pelo levantamento dos dados da edição de 2024. Agradecemos, igualmente, à Taissa da Silva Neves Leal pela organização dos gráficos que possibilitaram melhor visualização dos dados quantitativos.

2022	8	1	0	0	0	0	0
2024	27	2	0	0	0	0	1

Fonte: organizado pelas autoras com base nos Anais e Cadernos de Programação de 2019, 2022, 2024.

Em todas as edições analisadas, o catolicismo ainda é a religião que mais aparece nesse cenário, seguido pelo protestantismo de diferentes denominações. Em menor escala, alguns trabalhos sobre rezadeiras, encantaria e o Santo Daime vêm aparecendo nas pesquisas da região Norte, notadamente nos trabalhos do grupo de pesquisa da professora Betânia Albuquerque. O candomblé aparece em apenas um trabalho articulado com o catolicismo em uma experiência sincrética na cidade de Cachoeira-BA, na qual mulheres do candomblé em aliança tácita com a Igreja Católica disputam o direito à memória naquele território, ocupando as ruas da cidade na Festa da Boa Morte⁵. Constata-se, assim, a ênfase da pesquisa em enfoques já consolidados e com acúmulo de estudos.

Quadro 3: Principais abordagens nos trabalhos sobre Religião e Cidade nos CBHEs

CBHE	Instituições	Práticas Educativas	Impressos	Sujeitos	Festas religiosas	Outros
2019	14	10	01	0	0	0
2022	4	05	0	0	0	0
2024	17	08	01	2	1	1

Fonte: Organizado pelas autoras com base nos Anais e Cadernos de Programação de 2019, 2022, 2024.

Não obstante a ancoragem desse levantamento esteja centrada na religião, é a relação desta com a cidade que estabeleceu o filtro aqui empreendido. Como não contabilizamos os trabalhos que não marcaram a relação com a cidade de forma explícita, esses números não expressam o enfoque sobre os trabalhos que têm como temática privilegiada a religião⁶. O que percebemos, de modo geral, é que a cidade, quando mencionada, figura como cenário, pano de fundo onde se desenvolve ou se situa uma instituição ou uma prática educativa. Em alguns casos, ressalta-se a importância destas últimas para a localidade e para determinados grupos sociais. Todavia, nessas três edições, apenas sete trabalhos marcam a cidade como cenário e agente educador.

Curiosamente, as disputas que se travaram, sobretudo ao final do século XIX, passaram pelo estabelecimento de dispositivos de controle da população, dentre elas a educação. Não por acaso, não apenas professores e intelectuais da educação entraram nos debates que organizaram a vida social de homens, mulheres e crianças desde então, mas também médicos, engenheiros, artistas, literatos, religiosos etc. Os ideais republicanos impregnaram algumas cidades com seus

⁵ O referido trabalho foi publicado como capítulo de livro. Ver: Orlando (2025)

⁶ Este levantamento está sendo realizado e será publicado em artigo posterior.

novos prédios, símbolos, códigos culturais da vida urbana, buscando modernização e civilização em acordo com a nova ordem vigente. A cidade tornou-se alvo de projetos de modernização, e seu potencial formativo passou a ser disputado em práticas que buscaram educar a memória (Leonardi, 2013), os sentidos e as sensibilidades do cidadão.

Se assumimos junto com Veiga (1997) e Medeiros Neta (2010) que a cidade é investida de certa orientação educadora que engloba ações de políticos, técnicos e práticas cotidianas da própria população, “a pedagogia da cidade se expressa no estilo de vida urbano e no aprendizado da civilidade e do *direito à cidade*, bem como nas funções pedagógicas expressas em projetos urbanos e escolares, na relação entre o corpo urbano/corpo cidadão, na hermenêutica urbana e em uma postura sensível frente ao urbano” (Medeiros Neta, 2010, p. 214). Desse entendimento, novas perguntas afloram. Que culturas emergiram das cidades em diferentes tempos históricos? Quais marcas materiais e imateriais impregnaram os nossos olhares? O que aprendemos a ver e a reter na memória? Quais e como os saberes circulam nesses espaços, bem como quais efeitos produziram sobre sua gente? Como os diferentes saberes se encontraram nas cidades e como foram disputados e apreendidos em seus tempos? Que sensibilidades foram formadas a partir das intervenções das religiões, orientando as diversas instâncias formativas em circulação nas cidades? São, portanto, perguntas que instigam a novas investigações.

O diálogo com a geografia pode contribuir na busca por algumas dessas respostas. Desde esse ponto de vista, é importante destacar que a cidade é um cenário arqueológico que se comporta como um palimpsesto, como um território descontínuo. Nesses estratos se entrelaçam as diversas memórias e as decisões institucionais que determinam os processos de patrimonialização, bem como a lógica ativa das próprias paisagens e da vida cotidiana (Besse, 2010; De Certeau, 2000; Lindón, 2000).

A cidade pode ser concebida como um labirinto repleto de rugosidades territoriais (Santos, 2005) e estrias institucionais que se redefinem a todo momento pela multiescalabilidade e multidimensionalidade. Sua imagem nunca se cristaliza, pois nela intervêm incessantemente a memória e a história, arquivos e testemunhos, olhares e práticas (Fabri, 2021). A entrada de novas vozes, os silêncios e os esquecimentos abrigam memórias crepusculares e memórias a serem construídas como acontecimento, no sentido foucaultiano. Todas essas ferramentas propõem uma revisão da relação entre geografia e religião. Como bem afirma Flores (2024, p. 85), “a geografia é, talvez, uma das disciplinas sociais que mais tardiamente passou a captar a dimensão religiosa como objeto de investigação dentro do campo”. Esse atraso tem múltiplas causas, mas talvez uma das mais importantes esteja relacionada às singularidades próprias da geografia argentina e ao seu caráter historicamente físico. No entanto, com as transformações epistemológicas vividas desde o final do século passado e a chegada de perspectivas culturalistas, abriu-se um horizonte inovador, onde “o religioso” passou a ser um tema de interesse para a investigação espacial.

A memória, como prática social de ação e reação, se insere em contextos político-institucionais. Essa inter-relação prefigura a maneira como a educação, a memória e a história elaboram topografias da memória em conflito, que se expressam nas cidades (Huffschmidt, 2012). A amplitude e a profundidade dos acontecimentos, sua densidade e espessura geológica/arqueológica permeiam os sentidos epistêmicos das perspectivas que sustentam nossas práticas como educadores e pesquisadores. Sem dúvida, isso permite a interdisciplinaridade: educação, geografia, história e ciências sociais em geral estabelecem diálogos a partir de suas perspectivas particulares, abordagens singulares e modalidades de investigação.

Embora vivamos sob a pressão da velocidade, do imediato e do inoportuno, há uma questão nada desprezível a ser analisada criticamente em relação à nossa prática, tanto em termos pedagógicos quanto em termos de pesquisa e da transmissão dos recursos necessários para esse fim tão específico. Nesse sentido, é necessário destacar que pesquisar e ensinar se aprende pesquisando e ensinando. Essa dinâmica nos proporciona ferramentas para compreender, em todos os seus sentidos e com todas as suas nuances, as práticas que nos constituem como sujeitos na vida acadêmica e na vida institucional, seja participando como gestores, promotores, formadores ou educadores. O desafio, finalmente, reside na constante revisão crítica de nossas tarefas, exercícios e novos aprendizados, intercâmbios disciplinares e construção de perspectivas teórico-conceituais para abordar objetos complexos inscritos nas cidades e instituições, a partir do surgimento de práticas socioculturais, políticas e espaciais que os dimensionam e reatualizam a cada instante. A cidade, em suma, revela-se um espaço vivido, habitado e praticado (Lefebvre, 2013). Para compreendê-la, tanto em termos teóricos quanto empíricos, é importante considerar a formulação de novas perguntas.

Estimular tais perguntas foi o que procuramos fazer ao propor esta Seção Temática composta por 14 artigos e uma entrevista. Seguindo a lógica encontrada nos trabalhos do CBHE ao longo dos últimos anos, observamos que os trabalhos sobre a Igreja Católica predominaram. Em seguida, vieram os trabalhos sobre o protestantismo, um sobre o espiritismo e um sobre o Santo Daime.

Iniciamos a Seção Temática com um grande recuo no tempo, século XIII, para visitar a *Suma contra os Gentios*. No artigo intitulado *A formação do educador na Suma Contra os Gentios, de Tomás de Aquino: Um estudo no campo da História da Educação*, Rafael Santin e Terezinha de Oliveira analisam o documento escrito entre 1259 e 1264 a pedido de Penaforte. A *Suma* foi escrita em situação de conflitos territoriais, quando “o mapa de expansão dos conventos mendicantes confunde-se com o das cidades medievais”. Trata-se, portanto, de texto necessário naquele contexto: formar o monge pregador era formar missionários em situação de guerra, que se dirigiam à Península Ibérica recém conquistada pela cristandade. Fundamentado teórica e metodologicamente na História Social, especialmente na perspectiva da longa duração, o estudo busca identificar permanências e atualizações de conceitos elaborados no cenário medieval. A análise evidencia que a obra de Tomás de Aquino apresenta uma concepção de educador associada à prudência, à responsabilidade e ao compromisso com a formação integral da pessoa humana. O educador é compreendido como agente capaz de orientar o desenvolvimento intelectual e moral dos indivíduos, sustentando processos formativos que repercutem ao longo de toda a vida.

Seguindo para o próximo texto, poderíamos nos perguntar em que medida tal formação missionária e salvacionista reverbera nos párocos professores e inspetores do Recôncavo da Guanabara durante o Império brasileiro? Ensaio a essa resposta cabem aos leitores que podem encontrar elementos a respeito no texto de Angélica Borges, Beatriz Souza dos Santos e Fabiana Garcia Munhoz. Intitulado *Igrejas e processos de escolarização: a atuação de padres nas escolas públicas do território do Recôncavo da Guanabara no período do Império*, o artigo analisa relatórios dos presidentes da Província do Rio de Janeiro combinados à imprensa, para flagrar a atuação de párocos como professores substitutos e inspetores no município de Estrela, atual Magé e Duque de Caxias (RJ). Longe de limitarem sua atuação à esfera estritamente religiosa, esses agentes estavam profundamente inseridos nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas locais, participando de processos eleitorais, filiando-se a partidos políticos e integrando a elite regional na condição de

proprietários e fazendeiros. Como afirmam as autoras, as Igrejas, como a Nossa Senhora do Pilar no município de Duque de Caxias, eram *locus* de sociabilidade e espalhavam-se pela cidade em festas, bailes e rituais diversos, expandindo sua capilaridade pelo território, indo além do altar. O caráter estrutural das relações entre Igreja e Estado sustentava as práticas que misturavam as esferas de poder. Tal constatação está também presente no estudo do Asilo Santa Leopoldina, subsidiado pelo poder público e, posteriormente, administrado por religiosas em diferentes períodos (Martins; Leonardi, 2024).

As autoras encontraram livros de autoria dos padres e adotados nas escolas públicas. Essa é justamente a temática do artigo de Eduardo de Souza intitulado *Letras sagradas na cidade: catecismos, manuais e a materialidade da instrução pública na Província de São Paulo*. O artigo investiga o modo como, ao longo do século XIX, o Estado subsidiou e instrumentalizou o ensino religioso nas cadeiras de primeiras letras ao adotar os catecismos de Fleury e Montpellier como artefatos cotidianos de trabalho, além de iconografia sacra. Legislações, orçamentos provinciais, livros de inventário, relatórios e mapas de frequência compõem o *corpus* documental do estudo. A escola concorria com a rua e almejava retirar as crianças do espaço público para moralizá-las. O artigo analisa, ao examinar os relatórios e frequências, as dinâmicas da capital e vilas do interior e litoral de São Paulo, influenciadas e influenciando o ambiente escolar.

Seguimos para o próximo artigo, que perscruta a formação de dois sacerdotes negros no final do século XIX, início do século XX. Tendo como título *Ricardo Philippe e Crisógono: ser padre e negro no Brasil e na Colômbia (séculos XIX/XX)*, o texto de Surya Pombo recorre a documentos eclesiásticos, imprensa e literatura memorialística, a fim de driblar a escassez de fontes, típica para os casos da população negra. A pesquisa analisa como ambos os sujeitos partilharam o pertencimento racial e a atuação como padres católicos em sociedades profundamente marcadas pelo racismo e pela exclusão, revelando as diversas possibilidades de ser negro na América Latina. A análise aponta que, embora existam lacunas documentais sobre as experiências de escolarização anteriores ao ingresso de ambos em seminários europeus (na Bélgica e na França), os dois sacerdotes alcançaram um reconhecido espaço intelectual e de destaque institucional na Igreja Católica. Para essa consolidação, além do mérito e das atuações individuais, concorreram fortemente as redes de sociabilidade e de solidariedade negras, acompanhadas por laços de compadrio. Destaca-se também a mobilidade geográfica desses sujeitos, que circularam entre a América Latina e a Europa, bem como internamente em seus territórios (Ricardo transitou entre a Paraíba e o Pará, enquanto Crisógono viveu na Colômbia e no Chile). As existências de Ricardo Philippe e Crisógono Sierra y Velásquez são exemplares para a compreensão da agência negra na América Latina.

Também focalizando o final do século XIX na corte, temos o artigo de Alessandro Santos da Rocha, Marco Antonio de Oliveira Gomes e Italo Ariel Zanelato, intitulado *Entre a ciência e a religião: a imprensa espírita na disputa por hegemonia na Corte do Rio de Janeiro (1881-1882)*, cujo cerne é o estudo da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, publicada entre 1881 e 1882. Os autores analisam de que modo a linguagem e os referenciais científicos foram mobilizados como estratégias de legitimação e difusão da Doutrina Espírita no espaço público letrado da Corte, marcado pelo prestígio social da ciência. Ao utilizar conceitos de Antonio Gramsci, principalmente sobre os aparelhos privados de hegemonia, a análise documental permitiu identificar que seus articuladores não se limitaram à divulgação dos princípios espíritas, mas buscaram inserir o Espiritismo nos debates intelectuais da época por meio da apropriação de conceitos, categorias e modelos explicativos oriundos das ciências naturais e das correntes

filosóficas em circulação. O artigo demonstra como a hegemonia era disputada, assim como os sentidos do que se compreendia por acadêmico e científico. Em *Espaços que educam: marcas físicas e simbólicas da fé protestante no Edifício Modelo da Igreja Evangélica Fluminense*, Priscila de Araujo Garcez interpreta a convergência de elementos religiosos, educativos e territoriais associados à construção do Edifício Modelo da Igreja Evangélica Fluminense, marco da arquitetura higienista na região portuária do Rio de Janeiro, bem como a ação complementar às reformas Pereira Passos. Mobilizando análise documental amparada nos diários de Robert e Sarah Kalley, em jornais e no livro comemorativo dos 77 anos da Escola Dominical da instituição, o texto busca compreender como a fé protestante reformada moldou a escolha por aquele território, a conformação arquitetônica dos espaços e as práticas pedagógicas ali desenvolvidas, unindo a tríade educação, religião e saúde. A localização estratégica próxima ao cais permitia que a igreja funcionasse como um centro de irradiação de novos modos de fazer, enquanto as marcas físicas e simbólicas deixadas por esse grupo — tido como "o outro" — entre o final do Império e o início da República, revelavam as tensões entre um projeto civilizatório higienista e a realidade de um território marcado pela vulnerabilidade sanitária. Priscila destaca, ainda, que não só livros católicos eram adotados na escola pública, uma vez que foi incluído também o protestante *A alegria da casa* de Sarah Pulton Kalley, indicando que tipo de racionalidade se esperava para as meninas na cidade.

Ainda sobre as influências dos protestantes, temos no texto seguinte a presença dos adventistas. *Adventismo e educação no Brasil: sobre a implantação de escolas em cidades do Sul e do Sudeste do país no final do século XIX e início do XX*, de Oriomar Skalinski Junior e Vanessa Sabrina de Souza. A fundação de educandários pioneiros — como o Colégio Internacional de Curitiba (1895), o Colégio de Gaspar Alto (1897) e o Colégio de Taquari (1903) — configurou-se simultaneamente como uma iniciativa inovadora no campo educacional protestante e como uma estratégia de inserção social. Inicialmente voltadas para comunidades de imigrantes, sobretudo de origem germânica, essas instituições difundiram valores morais, disciplinares e religiosos adventistas, impactando diretamente a dinâmica social e cultural das cidades onde se estabeleceram. O estudo flagra a articulação da religiosidade com a expansão urbana. A educação não consistiu em um desdobramento secundário da atividade religiosa, mas sim em dimensão estruturante do projeto missionário adventista e em elemento estratégico para a consolidação da denominação no país. O modelo adotado operava em duas frentes: como um instrumento de formação interna e como um vetor de expansão de crenças para a comunidade externa. Paralelamente, os processos de circulação de literatura religiosa e a atuação dos pioneiros evidenciam que a expansão adventista esteve profundamente vinculada à produção, à circulação e ao controle de bens simbólicos.

Os textos seguintes deslocam-se para o século XX e seguimos com *Professoras de canto orfeônico entre escolas, palcos e altares de Teresina (1948-1965)*, de Juniel Pereira da Silva e Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti. O trabalho analisa as relações entre as práticas de canto orfeônico e as redes de sociabilidade, buscando compreender como essas dimensões se articulavam com a religiosidade das professoras de música da cidade. A investigação articula um *corpus* de fontes diversas, que inclui diários escolares, documentos institucionais, impressos e depoimentos orais. A análise reconstrói a trajetória de sete mulheres, sinalizando que suas formações em espaços públicos, privados e confessionais da elite fortaleceram suas atuações em esferas que extrapolavam os limites das comunidades escolares, com especial destaque para os âmbitos artísticos e religiosos da capital do Piauí. Ao educarem a sensibilidade urbana, as musicistas se afirmavam como agentes capazes de imprimir marcas duradouras na cultura e na organização do

espaço social e religioso local. Suas redes de sociabilidade eram tecidas por sujeitos que interligavam os campos educacional e religioso da cidade — como diretores, autoridades eclesiásticas e grupos de leigos —, relações que se caracterizavam, em parte, como herança de suas trajetórias familiares originadas em ambientes católicos, o que favoreceu a permanência e a ocupação de novas instâncias sociais.

Este estudo e o texto seguinte, *Entre espaços formativos e de intervenção social: o associativismo de Pompília Lopes dos Santos*, de autoria de Lucas Claras e Rosa Lydíia Teixeira Correa, permitem pensar como os sujeitos praticam a cidade. Este trabalho discute as práticas de intervenção social de mulheres por meio do associativismo de fundo religioso, tomando como eixo central a atuação de Pompília, uma professora paranaense, com maior atenção ao período compreendido entre as décadas de 1930 e 1970. O objetivo principal é identificar como os princípios da religião cristã-católica estão profundamente imbricados na cultura nacional, a ponto de exercerem influência sobre as práticas de sujeitos que não se ligam necessariamente ao laicato católico institucional e nem questionam tais influências. Tendo por base teórico-metodológica a História Cultural, que busca compreender os modos de construção de sentidos e práticas, o estudo demonstra que o envolvimento de Pompília com grupos associativistas femininos — como o Centro Paranaense Feminino de Cultura, o Clube Soroptimista de Curitiba e a União Cívica Feminina — configurou-se como um caminho legítimo encontrado por ela e por suas contemporâneas para ampliar sua participação social e desenvolver ações de fundo moral baseadas no cristianismo, em especial no catolicismo. O estudo aponta que os valores associados à religião conferiam maior legitimidade ao trabalho dessas mulheres. Ao defenderem pautas em consonância com a moral tradicional, essas agentes desempenhavam um papel identificado com o "bom feminismo" (ou a "boa feminista"), caracterizado por mulheres que defendiam a ampliação de seus espaços sociais sem, contudo, contestar os papéis tradicionais de gênero.

Luciane Sgarbi Santos Grassiotin analisa o ato, aparentemente banal, de distribuir “lembranças” nas cerimônias religiosas, tendo como objetivo identificar a produção gráfica do conjunto de “santinhos” localizados nos álbuns do Memorial Jesuíta. Em *Prestigiar e doutrinar: as lembrancinhas nos rituais cristãos como patrimônio cultural e educação religiosa (século XX)*, a autora explora os aspectos relacionados às práticas de utilização dessas imagens como evocadoras de uma memória social vinculada aos rituais católicos, além de avaliar o seu potencial desses artefatos para a educação católica e a civildade cristã. Integrantes dos materiais de consulta e encomenda da instituição para paróquias e escolas, esses álbuns agregam duas perspectivas mnemônicas principais: uma voltada à materialidade do documento e outra associada às representações iconográficas para distintas finalidades religiosas. Como resultado, constata-se que a distribuição de lembrancinhas com imagens cristãs não se restringia ao ritual da Primeira Comunhão; fazia parte também dos ritos de morte (missa de sétimo dia), batismo, crisma, consagração sacerdotal, festas organizadas por patronesses leigas e celebrações de casamento com seus desdobramentos (bodas de prata, ouro e cristal). Em todas essas ocasiões, as imagens de santos e as orações anexas destinavam-se à obtenção de uma graça, revelando que o conjunto documental retrata modos de subjetivação e práticas de constituição do sujeito como objeto de determinada relação de conhecimento e poder.

Em *Quando a escola vem do altar: o papel da Igreja Católica na educação no Vale do Juruá (décadas de 1930 a 1970)*, Maria Irinilda da Silva Bezerra, André Borges da Silva e Olívia Moraes de Medeiros Neta analisam a atuação da Igreja Católica como agente educacional no município de Cruzeiro do Sul, na região do Vale do Juruá (Acre), entre o final da década de 1930 e o início dos anos 1970,

investigando como essas práticas educativas contribuíram para a construção histórica e cultural da cidade. Adotando uma perspectiva metodológica que compreende a história como produção de sentidos, a pesquisa utiliza fontes bibliográficas e documentais para demonstrar que a Igreja não se limitou ao seu papel religioso, assumindo funções estruturantes na educação, na assistência social e na organização da vida comunitária em um contexto de limitada presença do Estado. A investigação destaca que a criação e manutenção de instituições como o Instituto Santa Teresinha, a Escola Normal Regional e a Escola São José foram fundamentais para a institucionalização do ensino e para a formação de gerações de professores no município. Ao suprir as lacunas deixadas pelo poder público, a Igreja atuou como mediadora essencial entre as demandas sociais por escolarização e a oferta efetiva desses serviços em território periférico amazônico.

As relações de Dom Nery com as principais lideranças oligárquicas de Minas Gerais são analisadas em *Entre a cruz e a oligarquia: Dom Nery e o ensino confessional em Pouso Alegre, MG*, de Daniel Aparecido da Costa. O artigo destaca como essas relações foram estrategicamente cultivadas com o objetivo de beneficiar os interesses diocesanos. Em contrapartida a essa articulação, o prelado atendia a demandas de caráter estritamente político e atuava como mediador de conflitos locais, consolidando sólida rede de reciprocidades. Essa dinâmica de cooperação mútua, característica das relações de clientelismo da época, traduziu-se em benefícios concretos para o espaço cidadão, tais como a aprovação de auxílio financeiro para o seminário, o reconhecimento oficial do Colégio Diocesano São José e do Colégio da Visitação, além da obtenção do controle administrativo da Colônia Francisco Sales e de sua respectiva fazenda modelo. Compreende-se que o bispado de Pouso Alegre funcionou como um espaço de validação e atuação das oligarquias estaduais, operando sob a lógica do coronelismo vigente. As escolas confessionais criadas nesse contexto apresentaram um número de matrículas equiparável ao do ensino público e tornaram-se responsáveis pela formação de normalistas e bacharéis.

Os três artigos que encerram a Seção Temática aproximam-se dos dias atuais e das disputas em torno da memória. Em *Educação patrimonial e o Santo Daime em Rio Branco, Acre: identidades e espaços de memória*, Julia Lobato Pinto de Moura e Maria Betânia B. Albuquerque procuram as “versões e tensões entre os ditos e não ditos” da história oficial da Colônia Cinco Mil e seu museu comunitário, apontando para o espalhamento e as cisões das culturas ayahuasqueiras, especialmente aquela da religião do Santo Daime em Rio Branco, Acre. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e participativa que articula investigação, vivência comunitária e extensão universitária. Interessante observar os conceitos de pedagogia cultural e de educação em sentido lato explorados no artigo. A presença da religião fundada por Mestre Irineu é tão marcante que ultrapassa os limites dos templos religiosos e se inscreve diretamente na paisagem urbana local, manifestando-se em grafites com versos de hinos daimistas, nomes de linhas de ônibus, músicas de compositores regionais e produções cinematográficas sobre o Acre. As autoras observam tanto a interiorização de lugares de memória na floresta quanto marcas de memória na paisagem urbana.

Maria Alice Arrais e Fabrício Ziviani analisam a atuação do Museu de Quilombos e Favelas Urbanas (MUQUIFU), localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, em *MUQUIFU: geografia da fé e sacralidade do território na resistência identitária*. O museu surgiu a partir da angústia de uma população privada de seus direitos cidadãos, religiosos e culturais, estabelecendo como missão resgatar fontes históricas, promover narrativas de memória coletiva, disputar o significado do território e valorizar a identidade negra e favelada. Fundamentada teoricamente em conceitos

como racismo ambiental e direito à cidade, a pesquisa qualitativa aponta que o processo de construção urbana e o apagamento de grupos politicamente segregados, como negros e indígenas, contou com a participação ativa da Igreja Católica. Em contrapartida, a resistência promovida pelo MUQUIFU politiza o cotidiano dos moradores, instaura o poder mobilizador da comunidade e alcança dimensões simbólicas e sagradas. Perto de completar quinze anos de existência, o MUQUIFU soma-se a outros processos de resistência cultural, evidenciados recentemente pela conquista do reconhecimento do Largo do Rosário como Patrimônio Cultural de Belo Horizonte.

Finalmente, temos o texto *Marcas da religiosidade na paisagem urbana: o Círio de Nazaré e a construção simbólica da cidade de Belém*, de autoria de Diego Ventura Magalhães que toma a festa como manifestação religiosa que se configura também como um fenômeno urbano, simbólico e educativo na cidade de Belém. O objetivo principal foi compreender como elementos materiais e simbólicos (como altares temporários, decorações urbanas, monumentos adaptados, cartazes, práticas rituais e percursos ritualísticos), contribuem para a produção do espaço urbano, a memória coletiva e a identidade cultural. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com análise de conteúdo de caráter temático, estruturada a partir de categorias como sacralização do espaço, memória coletiva, práticas corporais e materialidade simbólica. O Círio ultrapassa a dimensão estritamente religiosa, transformando temporariamente a cidade em um território ritualizado onde o sagrado se insere no cotidiano por meio da participação coletiva. Esses elementos materiais e devocionais atuam como mediadores entre o sagrado e o cotidiano, promovendo o pertencimento, a coesão social, a continuidade cultural e o fortalecimento de vínculos sociais.

A seção Entrevista traz uma conversa com a eminente teóloga e filósofa feminista Ivone Gebara, entrevistada por João Melo e Marco Aurélio Corrêa Martins. Em *Ivone Gebara e o ecofeminismo: corpo, religião e educação na cidade*, ao cruzar a história da educação com o ecofeminismo, o diálogo destaca a relevância atual do pensamento de Gebara para refletir sobre ética, cotidiano e libertação.

Esperamos que os/as leitores/as encontrem aqui instigantes reflexões para avançarmos nos estudos que entrelaçam história da educação e religião no espaço urbano.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BUECKE, Jane Elisa Otomar. Educação não escolar: Balanço da produção presente nos congressos brasileiros de história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, 19, e069 2019, p. 1-22.
- ALVES, Alexandre. A Tradição Alemã do Cultivo de Si (Bildung) e sua Significação Histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e83003, 2019.
- BICA, Alessandro Carvalho; GONÇALVES, Dilza Porto. 200 anos de educação do Brasil (Dossiê) *Educação em Foco*, Belo Horizonte, ano 25 n. 46, abr./ago. 2022.
- BESSE, Jean-Marc. El espacio del paisaje. Em: *III Jornadas del Doctorado em Geografía*, 29 y 30 de septiembre de 2010, La Plata. *Desafíos teóricos y compromiso social en la Argentina de hoy*. Memoria Académica, 2010. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1488/ev.1488.pdf
- BRANDÃO, Carlos Roberto. *A educação como cultura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

- CATANI, Denice Barbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, 2002.
- DE CERTEAU, Michel. *La invención de lo cotidiano. Tomo I: Artes de hacer*. México: Universidad Iberoamericana, 2000.
- FABRI, Silvina. Vestigios arqueológicos y procesos judiciales a partir del trabajo memorial en el Espacio Mansión Seré. Relaciones entre el espacio material, el patrimonio y las prácticas institucionales. En: *Cuadernos do LEPAARQ. Revista do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL)*, V.18, N°36, jul-dez. ISSN 2316 8412. 2021 Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/21213/13828>
- FALCON, Francisco José Calazans. História Cultural e História da Educação. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 32 maio/ago. 2006, p. 328-375.
- FLORES, Fabián. La geografía y los estudios de la Religión en Argentina. In: *Debates de REDHISEL* (p. 85-99), 2024. Disponível en: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/239404?show=full>
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. História da educação e história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e (orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43-75.
- GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HUFFSCHMINDT, Anne. Topografias en conflicto. En: Huffschmid, Anne y Valeria Durán. *Topografías conflictivas. Memorias, espacios y ciudades en disputa*. Buenos Aires: Ed. Nueva Trilce, p. 11-20, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitan Swing, 2013.
- LEONARDI, Paula. Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes. *Cadernos de História da Educação (UFU. Impreso)*, v. 12, p. 295-312, 2013.
- LINDÓN, Alicia. *La vida cotidiana y su espacio-temporalidad*. Madrid: Anthropos, 2000.
- LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MARTINS, Marco Aurelio Correa; Leonardi, Paula. O Asilo Santa Leopoldina de Niterói e uma ação público-religiosa pela educação feminina (1850-1878). *HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, v. 28, p. 1-22, 2024.
- MEDEIROS NETA, Olívia. É possível uma pedagogia da cidade? 2010. *Revista Histedbr on line*. Campinas, n. 40, p. 212- 221.
- MOLLMANN, Andrea Dorothee Sthepan. Bildung na contemporaneidade: qual o sentido? *Anais V CINFI – Congresso Internacional de Filosofia e Educação*. Caxias do Sul, RS, 2010.
- ORLANDO, Evelyn de Almeida. Devotas e insurgentes: a Festa da Boa Morte como espaço de afirmação de uma identidade de gênero, raça e religiosidade, em Cachoeira/BA. ORLANDO, Evelyn de Almeida (Org.). *Educação, Religião e Cultura: entrelaçamentos históricos - Volume 2* [recurso eletrônico], Cachoeirinha RS: Fi, 2025.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. En: *OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no.* Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

VEIGA, Cynthia Greive. Histórias de Educações. *Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)*, v. 26, 2026.

VEIGA, Cynthia Greive. Projetos urbanos e projetos escolares: aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 26, p. 103-112, dez. 1997.

WARDE, Mirian Jorge; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Política e cultura na produção da história da educação no Brasil. *Contrapontos*, v. 1, n. 2, p. 9-22, 2001.

Submetido em junho de 2026

Aprovado em junho de 2026

Informações das autoras

Paula Leonardi
Edu/Proped/UERJ
E-mail: leonardi.paula@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4046-9703>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930629041565848>

Evelyn de Almeida Orlando
Edu/Proped/UERJ
E-mail: evelynorlando@gmail.com
ORCID: orcid.org/0000-0001-5795-943X
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5837085501572080>

Silvina Fabri
Facultad de Filosofía y Letras, de la Universidad de Buenos Aires
E-mail: fabrisilvina@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/my-orkid?orkid=0000-0002-4103-9097>
Link Lattes: <https://geografia.institutos.filo.uba.ar/integrante/fabri-silvina>